



#cm
2
TERÇA-FEIRA

Paul Thomas Anderson, de 'Uma Batalha Após a Outra', levou a estatueta que já deveria ter ido para ele desde 'Magnólia'

GOLS E AS BATIDAS DE TRAVE DE UM OSCAR CHOCHO

‘O Agente Secreto’ brilhou como pôde, **mas não trouxe estatuetas** pro Brasil, **nem Adolpho Veloso**, mas, demarcaram a **força de nosso cinema** numa **festa geopolítica para Paul Thomas Anderson** e seu ‘Uma Batalha Após a Outra’. **Quem analisa a cerimônia** e seus significados é o crítico **Rodrigo Fonseca**. Páginas 2 e 3

Divulgação



O brilho de um tratado antitrumpista



'Uma Batalha Após a Outra'
Ganhou em seis frentes:
Filme, Direção, Roteiro
Adaptado, Escalação de
Elenco, Montagem e Ator
Coadjuvante

'Uma Batalha Após a Outra' acumula seis premiações. Só não levou mais porque havia 'Pecadores', de Ryan Coogler, no caminho

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

Eda natureza sistêmica do cinema haver épocas em que cineastas de quilate autoral dos mais altos, esnobados muitas vezes na entrega dos prêmios mais relevantes da indústria audiovisual, encontram uma noite de Oscar para chamar de sua, como foi o caso de Paul Thomas Anderson (PTA), em 15 de março de 2026. Em meio à ressaca brasileira pela derrota de "O Agente Secreto" em quatro frentes, numa estrada pavimentada por um histórico de vitórias invejável conquistado pelo pernambucano Kleber Mendonça Filho, o realizador do febril "Uma Batalha Após A Outra" ("One Battle After Another") levou, enfim, para cada uma láurea que já deveria ter ido para ele desde "Magnólia" (Urso de Ouro de 2000).

Bateu na trave da consagração muitas vezes, ainda que, a cada tentativa, tenha entregue às telas um longa-metragem magistral, a se destacar "Sangue Negro" ("There Will Be Blood", 2007). O artista californiano venceu agora, aos 55 anos, qual o inglês Christopher Nolan saiu vitorioso em 2024, com "Oppenheimer", ou seja, saiu levando tudo – o que pôde. Ganhou em seis frentes: Filme, Direção, Roteiro Adaptado (de autoria dele), Escalação de Elenco, Montagem e Ator Coadjuvante, dado a Sean Penn, que vem sendo parte de sua trupe desde "Licorice Pizza" (2021).

Não levou mais por haver "Pecadores" ("Sinners") em sua trajetória e este, de certa medida, também carregava um padrão similar: a coroação de Ryan Coogler como um dos grandes de nosso tempo já deveria ter vindo antes, em "Creed – Nascido Para Lutar" (2015) e "Pantera Negra" (2018). Demorou, mas ele e seu parceiro de criação mais fiel, Michael B. Jordan, foram oscarizados: Melhor Roteiro Original para o diretor e Melhor Ator para seu astro rei. A láurea de Melhor Fotografia dada a essa alegoria horrorífica sobre o racista, confiada à artesã da luz Autumn Durald Arkapaw, teve um peso redentor em meio às lutas feministas dos EUA, na briga pela equidade laboral de gêneros. É um indício a mais de que, em tempos de guerra, quando o espanhol Javier Bardem foi uma das poucas vozes a esgoelar um "Palestina livre!" no palco do Dolby Theatre, os dois longas de maior visibilidade entre os oscarizados do ano carregaram uma centelha geopolítico numa festa das mais irregulares e insossas.

Conan O'Brien começou bem à beça seu trabalho de apresentador, usando a mesma peruca com que Amy Madigan transformou a

figura da Tia Gladys, de "A Hora do Mal" ("Weapons"), numa das figuras mais aterrorizantes que o cinema já viu. Logo na sequência, após um número de ópera hilariante, ele ofuscou-se em piadas chochas. Quando Billy Crystal foi abrir o Tributo aos Mortos (que ignorou Silvio Tendler e Silvio Darrin), deu saudade dos tempos em que ele era o mestre de cerimônias da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood. Ainda assim, a coda do evento, pós-premiação, deu a Conan uns instantes de graça, numa hora em que o Brasil já estava de bode com tudo o que via.

Acreditava-se que a Neon, distribuidora de "O Agente Secreto" nos EUA, houvesse tocado em massa os miocórdios dos votantes com a esplendorosa engenharia narrativa de Kleber ao rever o Brasil da ditadura sob a ótica da "pirraça". O torvelinho prêmios prévios do filme (85 ao todo) parecia apontar algo tão imbatível quanto a vitória de "Ainda Estou Aqui", de Walter Salles, que venceu em março de 2025. Na hora h, de perda em perda, o anúncio de "Valor Sentimental" ("Affeksjonsverdi"), da Noruega,

como Melhor Filme Internacional, comprovou que a fortuna da América Latina em competições cinematográficas está sujeita a vetores com valor de X dos mais indecifráveis. Ainda assim, como consolação, venceu um filmaço.

"Uma Batalha Após A Outra" foi "O" ganhador por ser um tratado antitrumpista, uma reação do cinema dos EUA a um líder que opera na chave do ódio e fomenta conflitos bélicos a fim de alimentar a necessidade de "pão e de circo" de um povo (mal) educado por Bushes e Reagan. A percepção de que sua dramaturgia se move a partir da rebeldia de uma mulher preta, Perfidia Beverly Hills (Teyana Taylor), que trata homens com a mesma voracidade e o mesmo desdém com que as forças femininas costumam ser tratadas ao longo da História, dá ao longa de PTA uma carga politicamente poética. Há, ali, uma reflexão sobre racismo, encarnado no núcleo em volta do Coronel Steven J. Lockjaw (o ferrabrás encarnado por Sean Penn), relevante como a de "Pecadores", que consegue se singularizar ao trilhar vias ancestrais, na arte (o Blues) e na fé (o Candomblé), para expor a segre-

O chamado do tambor para Jorge Drexler

‘Taracá’ marca o retorno do compositor uruguaio ao seu país natal e consolida sua posição como voz central da música latino-americana

AFFONSO NUNES

Jorge Drexler está voltando para casa. “Taracá”, 15º álbum de uma discografia de excelência, é o resultado desse retorno geográfico e existencial. É um disco nascido do luto, da migração, do ritmo e da sensação de volta que o artista define como “um álbum de luto, mas também celebratório, uma contradição que ainda não consigo explicar completamente”.

A contradição existe porque o disco foi gestado em um momento de transformação profunda. Há dois anos, após a morte de seu pai, o compositor deixou de ser apenas filho. Naquele mesmo ano, completou 60 anos e marcou três décadas vivendo na Espanha. “Foi o ano em que deixei de ser filho para ser só pai”, disse em entrevista. “Senti a necessidade de me reconectar com o Uruguai, não sei bem por quê.” A resposta veio através das rodas de candombe que tomaram conta de Montevideo — um fenômeno que Drexler descreve como uma “revolução”.

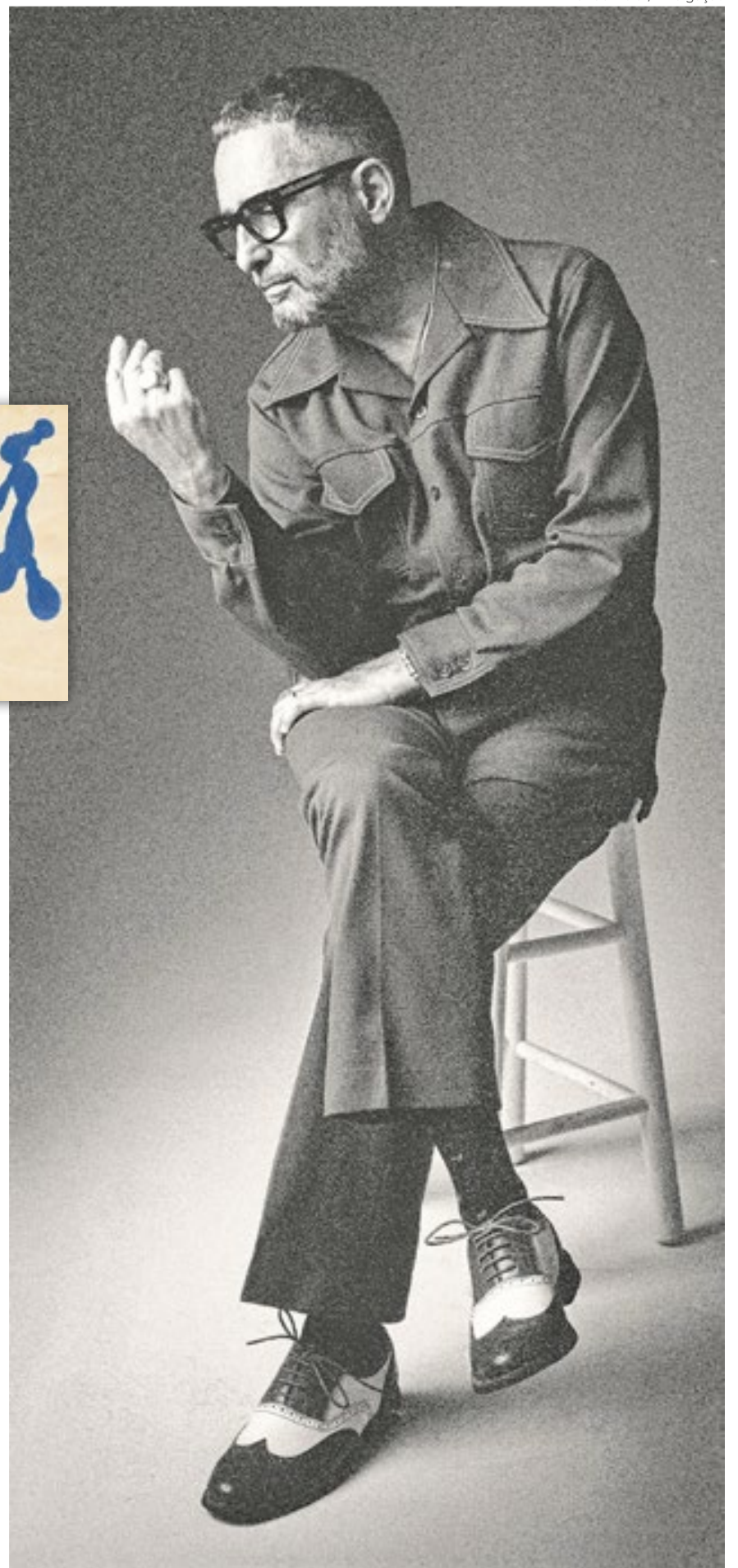
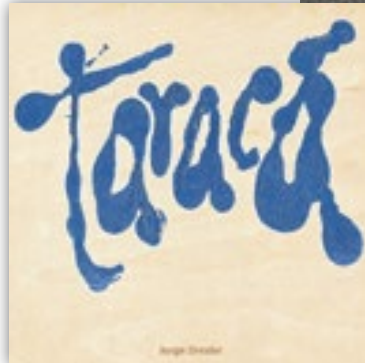
A relevância de Drexler na cena latino-americana não é questão de debate. Com 17 prêmios Grammy Latino, um Oscar por melhor canção original (2005, por “Al otro lado del río”) e uma carreira que dialoga simultaneamente com poesia, ciência, tradição e experimentação, ele é um dos poucos artistas que transcendeu fronteiras nacionais sem virar genérico. Mas “Taracá” marca algo diferente: é seu primeiro disco gravado no Uruguai em quase 30 anos, e é, por definição do próprio artista, “o mais comunitário que já fiz”.

O título carrega duplo significado. “Taracá” é a onomatopeia do som do tambor chico — aquele instrumento que, nas palavras de Drexler, “toca todas as batidas do compasso, exceto a fundamental. Indica um evento circundando-o, sem tocá-lo, como um copo circunda a água”. Mas “taracá”

“Quis uma homenagem responsável, com referências ao samba, mas fazendo uma adaptação própria, como os brasileiros fazem. Quando João Gilberto pega uma canção de Cole Porter, ele não a canta no ritmo original, a leva para seu próprio terreno. Esse é o ato de amor mais sincero”

JORGE DREXLER

As rodas de candombe, que ressurgiram no Uruguai, inspiram ‘Taracá’, o novo álbum de Jorge Drexler



também é uma contração de “estar acá” — estar aqui. Nesse duplo sentido, Drexler encontrou a tese do álbum: o tambor é som, sim, mas é também uma questão de localização, de plantar o corpo de volta na história.

As onze faixas mapeiam sonoridades latino-americanas. Uruguai, Porto Rico e Espanha formam equação, mas é o candombe uruguaio que liga tudo. As colaborações revelam a ambição real: Rueda de Candombe, Américo Young, a murga Falta y Resto, Young Miko, Julio Cobelli e Ángeles Toledano.

“Eu poderia ter trabalhado com quem quisesse neste álbum”, disse. “Mas escolhi trabalhar com pessoas que têm entre 21 e 22 anos”, explicou o artista, referindo-se aos produtores uruguaios Tadu Vázquez e Facundo Balta, o engenheiro Lucas Piedra Cueva,

e os produtores porto-riquenhos Mauro e Gabo Lugo.

Um momento revelador dessa fase é a reinterpretação de “O Que É O Que É?”, o samba de Gonzaguinha de 1982. Drexler a transformou em “¿Qué Será Que Es?” — uma versão em espanhol gravada com uma roda de candombe. “Esta música sempre me chamava a atenção nas rodas de samba quando tocava no Brasil, e era um momento de elevação espiritual. Tem uma série de questões ontológicas e filosóficas sobre o ser e sobre a vida, que ampliam o escopo do gênero musical”, explicou o artista, que costuma colaborar com colegas brasileiros. Ele compara a estrutura da canção à de uma tragédia grega — começa com um refrão grandioso, passa por partes menores, atravessa estágios de dor e perplexidade, terminando naquela celebração inicial.

“Sei que é uma música muito importante no Brasil. Minha intenção é levá-la a outro público, da América Latina, misturada com o candombe. Quis uma homenagem responsável, com referências ao samba, mas fazendo uma adaptação própria, como os brasileiros fazem. Quando João Gilberto pega uma canção de Cole Porter, ele não a canta no ritmo original, a leva para seu próprio terreno. Esse é o ato de amor mais sincero.”

A volta de Drexler ao Uruguai não é nostálgica. É perspicaz. Ele descreve a música uruguaia como estando em uma “fase particularmente interessante”, com figuras muito novas fazendo pontes entre música urbana, trap e nova geração. “Eram muitas novidades que me fizeram voltar para gravar aqui”, disse. E essa volta se reflete em cada faixa — não há produção excessiva, não há efeitos que

distraem. Há apenas a densidade sonora de quem entende que a melhor experimentação é aquela que não abandona a tradição, mas a reinterpreta.

No final de uma entrevista com a revista We Are Mitú, Drexler teve uma revelação: “Este álbum é... um pedido de permissão da comunidade uruguaia para me reintegrar.” Naquele momento, ficou claro que “Taracá” não é apenas um disco sobre volta para casa. É um disco sobre pedir para entrar de novo no círculo. É um álbum para pessoas que não podem sempre voltar para casa. E nesse sentido, Drexler fez o que os melhores artistas fazem quando vivem o suficiente para entender a diferença entre aclamação e pertencimento: fez um disco que soa como um homem falando, depois o abriu o suficiente para que uma comunidade inteira respondesse.

Uma noite para João Gilberto

Jaques Morelenbaum, Fred Martins e Marcelo Costa Prestam tributo ao pai da batida da Bossa Nova no Blue Note Rio

AFFONSO NUNES

Três nomes fundamentais da música brasileira se encontram no palco do Blue Note Rio nesta terça-feira (17) para uma noite dedicada ao legado de João Gilberto. Jaques Morelenbaum, Fred Martins e Marcelo Costa apresentam um concerto que reúne clássicos imortalizados pela voz e violão do mestre, navegando por composições de Tom Jobim, Vinicius de Moraes, Chico Buarque e Carlos Lyra. O repertório inclui canções



Tiago Sousa/Divulgação



Nando Chagas/Divulgação

Fred Martins e Jaques Morelenbaum idealizaram em Lisboa o tributo, que também reúne Marcelo Costa (acima)

dupla percorreu Europa, África e Américas, consolidando uma parceria que agora se expande com Marcelo Costa.

Marcelo Costa, referência na percussão brasileira desde os anos 70, traz uma trajetória que inclui trabalhos com Edu Lobo, Egberto Gismonti, Boca Livre, Adriana Calcanhotto, Maria Bethânia e Marisa Monte. Sua participação enriquece o projeto com a sensibilidade rítmica que caracteriza sua atuação em gravações e apresentações ao lado de artistas brasileiros e internacionais.

SERVIÇO
TRIBUTO A JOÃO GILBERTO - FRED MARTINS, JAKES MORELENBAUM E MARCELO COSTA
Blue Note Rio (Avenida Atlântica, 1910, Copacabana)
17/3, às 20h
Ingressos a partir de R\$ 60

UNIVERSO SINGLE

POR A F F O N S O N U N E S



Divulgação

Garcia Lorca musicado

O trio formado por Marianna Leporace (foto), João Cantiber e Felipe Radicetti lança o EP “Mi Corazón reposa junto a la fuente fría – Lorca, vol II”, tributo ao poeta Federico García Lorca nos 90 anos de seu assassinato pelas milícias franquistas em 1936. O projeto reúne seis canções inéditas compostas por Radicetti sobre poemas de Lorca, musicalizando versos como “Tierra Seca”, “Normas”, “Verlaine”, “Serenata”, “Gacela de la Huida” e “Sueño”. O projeto é a sequência de EP lançado em 2020 com outras versões.



Divulgação

Nova sátira dos Inimigos

Os Inimigos do Rei lançam “Medo”, faixa que integra o espetáculo “Vem Kafka comigo!”. Com música de Marcus Lyrio e letra de Luiz Guilherme, o single transforma a ansiedade do fim do mês em sátira. Escrita originalmente em 2006, a canção nasceu de pressão econômica vivida pelo compositor. Luiz Guilherme descreve a letra como “vertical”, capaz de atravessar camadas sociais e políticas. “É o medo de não ter dinheiro para superar o fim do mês. Seja o salário para esticar, a mesada que acabou, as contas deixadas para depois”, afirma.



Divulgação

Parceria internacional

O DJ e produtor carioca Pedro Sampaio lançou nas plataformas digitais a música “G-Latina” em parceria com o rapper mexicano El Bogueito. A faixa mistura funk brasileiro com influências de salsa e pop global, produzida por Sampaio e pelo grupo Subelo Neo, que já trabalhou com Bad Bunny e Karol G. Pedro Breder assina o beat. A colaboração reúne elementos da irreverência brasileira com a energia do artista mexicano, consolidando a presença de Sampaio no mercado musical internacional.

CORREIO CULTURAL



Divulgação

A exposição reúne fantasias históricas dos primeiros desfiles

Exposição resgata antigos carnavais

A Fundação Museu da Imagem e do Som apresenta “Carnaval: Uma Paixão Carioca”, exposição que examina a festa como patrimônio cultural essencial da identidade carioca.

Em cartaz de segunda a sexta, das 9h às 18h, na Lapa, com entrada gratuita, a mostra reúne acervos que revelam como o carnaval atravessa a vida do carioca. A exposição valoriza não ape-

nas os desfiles consagrados, mas também os anônimos que sustentam a celebração. Núcleos temáticos dedicam-se aos trabalhadores da festa, às vozes do carnaval e aos blocos carnavalescos. Destaques incluem objetos históricos como apito do compositor Herivelto Martins, pandeiro de bateria, bandeirola da Estação Primeira de Mangueira e fantasias de escolas de samba.

True crime à brasileira

Uma nova abordagem do true crime, a série documental “Estopim” estreou na plataforma de streaming DOC Canal Brasil, disponível dentro do Prime Video. A produção apresenta cinco episódios, cada um dedicado a um “tipo” de crime: político, conjugal, sexual, de ódio e invisibilizado. Sem se limitar à investigação policial e à responsabilização individual dos casos, a série volta o olhar para os contextos sociais, culturais e institucionais que ajudam a explicar por que a violência de gênero continua tão presente no país.

Novo endereço

Casa70 Galeria chega à Gávea para abrir um novo capítulo. Após uma história que inclui sua fundação no bairro, uma temporada de cinco anos em Portugal e quatro edições pop-up no Rioro, o projeto passa a ocupar endereço permanente na Rua Orsina da Fonseca, 19.

Novo endereço II

A Casa70 nasce como um espaço aberto a collabs criativas, residências artísticas e ocupações temporárias, incentivando processos autorais e trocas entre diferentes áreas da criação. Em sua estreia, recebe o Studio Mar Aberto, com uma residência artística dedicada à cerâmica.

Um artista em alta

Reconhecido por sua performance no espetáculo “Poesia do Samba”, Lucas Sampaio vive um momento marcante em sua trajetória. Integrante do Complexo Negra Palavra foi indicado ao Prêmio Shell de Teatro na categoria Melhor Ator, um dos reconhecimentos mais importantes da cena teatral brasileira. A cerimônia acontece nesta quarta (18) em São Paulo.



Ariel Santos/Divulgação



Mônica Ramalho/Divulgação

Julinho Barroso e Marcus Galiña lançam o livro nesta terça no Circo Voador

O romance de uma vida real

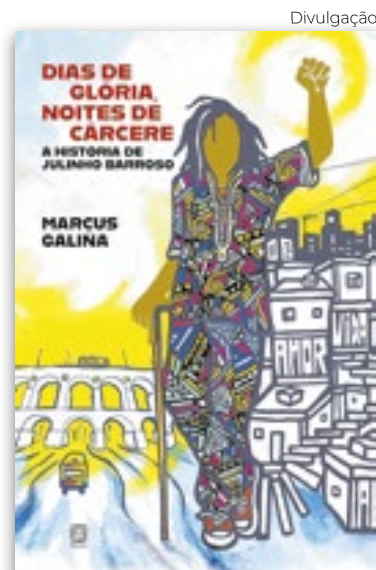
Produtor cultural Julinho Barroso tem sua trajetória contada em livro de Marcus Galiña

Criado na Glória, Julinho Barroso construiu sua trajetória nas noites da cidade, como produtor, operador de som e articulador de encontros que ajudaram a movimentar as ruas cariocas. Essa ganha corpo literário através de “Dias de Glória, Noites de Cárcere – A História de Julinho Barroso” (Pallas Editora), escrito por Marcus Galiña, ator, produtor e diretor teatral que o conhece há anos.

O lançamento da obra nesta terça-feira (17), a partir das 18h, no Circo Voador, terá sarau musical, poético e performático, além de sessão de autógrafos. Galiña tece ficção sobre a experiência real de Julinho: preso injustamente e mantido no cárcere por quase nove anos. A narrativa reconstrói uma vida de agitação cultural que começou muito antes da prisão.

O autor constrói um retrato complexo e contraditório de um homem impulsivo, levado por escolhas que se impuseram.

Bem antes de conhecer a prisão, Julinho foi coroinha exemplar da Paróquia Sagrado Coração de Jesus. “A Igreja, durante um tempo, me seduziu, mas eu estava claramente comprometido à outra instituição humana, também com séculos de história, eixo da ancestralidade urbana: a Rua”, diz em trecho do livro.



Divulgação

“A Rua te renomeia, te sacaneia, te redefine.”

O historiador Luiz Antonio Simas, na apresentação, define bem o personagem: “Esqueçam o imaginário do herói como ser virtuoso, sem contradições. Julinho é herói de carne, osso e sangue, forjado nas esquinas cariocas com cheiro de esgoto e bala perdida cravada na parede.” Desde cedo, Julinho estava dentro do noticiário local: movimento dos camelôs, figurinhas raras no jogo de bafo, peripécias de menino de rua. Para ele, o romance seria uma espécie de biografia de botequim.

“Seria uma biografia, mas caiu cachaça em cima, derramaram gordura quente, caldo de feijão, mentirinhas de fanfarrão, molho de gur-

jão, fatos concretos misturados com delírio de folião”, descreve Julinho no livro. “Neste livro, a vida é mãe, mas o botequim é pai. Isso aqui é um filhote literário feito de bairros, fatos, lugares, enredos e toda comédia humana, tal como a presenciei nos meus dias de glória e nas minhas noites de cárcere.”

“Brinco dizendo que é um livro escrito em primeira pessoa terceirizada. Sou dramaturgo, então encarei o Julinho como personagem da cidade, estilizei, fantasiei um pouco, pois me sinto melhor na liberdade. E essa escolha também teve razões muito práticas: preservar identidades e evitar futuros processos.” A amizade entre os dois começou em 2013, no movimento Reage Artista. No ano seguinte, idealizaram o Ocupa Lapa, ocupação cultural dos Arcos com seis edições em um ano e meio. Depois veio o Ocupa MinC. A ideia do livro fermentou anos até vingar em 2018.

Uma campanha de financiamento coletivo alcançou 372 amigos e incentivadores que poderão retirar seus exemplares no lançamento. A capa foi ilustrada pelo artista visual e grafiteiro Marcelo Ment. Marcus já havia trabalhado com a Pallas, cujas editoras, Cristina e Mariana Warth, já conheciam a fama do personagem. O restante, como diz Julinho, é história. E se a rua renomeia, agora a literatura registra.



O elenco do musical 'Os irmãos Timótheo', que faz sua estreia nesta quinta no Teatro I do CCB

Talentosos e apagados

Musical dirigido por Luiz Antonio Pilar resgata a trajetória de pintores precursores do Modernismo Brasileiro que foram esquecidos pela Semana de 22

A história brasileira é escrita com grandes espaços em branco, lacunas, apagamentos. Nomes brilhantes, contribuições geniais, vidas que moldaram a cultura nacional — tudo isso frequentemente desaparece nas páginas dos livros de história, vítima de um racismo estrutural que preferiu o esquecimento à justiça. É justamente esse vazio que o espetáculo *Os Irmãos Timótheo da Costa* vem preencher, trazendo à luz a potente trajetória de João (1879–1932) e Arthur (1882–1922), dois pintores que figuram entre os nomes mais destacados da cena artística brasileira nas duas primeiras décadas do século XX, mas que foram sistematicamente apagados do imaginário coletivo.

Dirigido por Luiz Antonio Pilar, com dramaturgia de Claudia Valli e direção musical de Muato,

o musical estreia nesta quinta-feira (19) no Teatro I do Centro Cultural Banco do Brasil, iniciando uma temporada que se estende até 19 de abril.

Em cena, a pesquisadora Irene, vivida por Jeniffer Dias empenha-se em escrever uma peça sobre os irmãos Timótheo da Costa. Ao mergulhar na pesquisa, ela descobre que, como tantos outros personagens negros da história brasileira, eles foram praticamente apagados—há pouquíssimo material disponível sobre suas vidas, apenas registros fragmentados focados em suas obras, não em suas existências. Essa lacuna documental torna-se, paradoxalmente, o ponto de partida criativo: realidade e ficção se entrelaçam enquanto Irene desvenda quem foram realmente esses homens.

O que emerge dessa investigação é uma narrativa perturbadora sobre a realidade do negro pós-abolição na então capital federal.

Os irmãos Timótheo da Costa enfrentaram o preconceito implacável da Belle Époque carioca, a hipocrisia de uma sociedade que se proclamava moderna enquanto mantinha estruturas profundamente racistas. Ambos, com um intervalo de dez anos, morreram internos no Hospital dos Alienados do Rio de Janeiro, diagnosticados com demência parálitica—uma instituição que também abrigou o escritor Lima Barreto e era dirigida pelo Dr. Juliano Moreira, médico negro pioneiro da psiquiatria no Brasil que combatia ativamente o racismo científico.

“Somos até capazes de superar o ódio, o desprezo, a violência, mas o esquecimento é insuperável, pois ele nos trata como se nunca tivéssemos sido”, diz a dramaturga Claudia Valli, com 39 anos de carreira em trabalhos para a Rede Globo, Record e diversos canais especializados. O apagamento funciona como uma forma de

negação existencial — você não é porque não merece ser, porque não faz parte de “nós”.

Os irmãos Timótheo da Costa eram precursores do Modernismo Brasileiro, mas foram esquecidos justamente pela Semana de 22, o evento que deveria celebrar a renovação artística nacional. Gradualmente, desapareceram da História da Arte Brasileira. O mesmo ocorreu com seu avô, o maestro Henrique Alves de Mesquita, que passou de músico de maior destaque nacional e internacional ao mais absoluto esquecimento.

A trilha sonora do espetáculo traz as composições de Mesquita, executadas ao vivo por uma orquestra. Algumas receberão letras inéditas e serão cantadas em cena, enquanto outras funcionarão como trilha sonora instrumental. Muato, diretor musical e vencedor do Prêmio Shell 2024 pela direção musical de “Pelada – A Hora da Gaymada”, assina essa direção musical.

O elenco complementa a força narrativa: Lucas da Purificação (série “Impuros”, Disney Plus), Luciano Quirino (novela “Êta, mundo melhor!”), Pablo Áscoli (que interpretou César Camargo

Mariano em “Elis, o musical”) e Sérgio Kauffmann (novela “Garota do momento”, 2024/2025) compõem um time que traz densidade interpretativa à investigação de Irene.

“Percebi que trazer para o palco a história dessas pessoas que me inspiraram, de certa maneira também compartilho com elas tudo aquilo que eu já passei”, afirma o diretor Luiz Antonio Pilar, que já retratou histórias de grandes artistas como Candeia, Ataulfo Alves e Leci Brandão, tanto no teatro quanto na TV e cinema. “A história que vamos contar é uma investigação. Vamos descobrir quem foram os irmãos Timótheo da Costa, além do apagamento”, vaticina Pilar.

O espetáculo estabelece uma ponte entre o final do século XIX e o século XXI, mostrando como a realidade de apagamento e racismo que marcou a vida dos irmãos Timótheo da Costa permanece presente e intensa na sociedade contemporânea. Muitos homens e mulheres pretos “surtaram ao vislumbrar o ‘não futuro’ pela frente”, como observa Valli. Sem chances reais de ascensão, a única perspectiva era lotar hospícios ou presídios. “O sucesso não supera o racismo”, sentencia a dramaturga.

SERVIÇO

OS IRMÃOS TIMÓTHEO DA COSTA

Teatro I do CCB (Rua Primeiro de Março, 66, Centro) De 19/3 a 19/4, quintas, sextas, sábados e segundas (19h) | domingos (18h). Ingressos: R\$ 30 e R\$ 15 (meia)



O universo dos quadrinhos toma conta do CCBB na reta final de março

Cada um no seu quadrinho

Exposição imersiva, oficinas criativas e debates sobre a nona arte movimentam o CCBB RJ

O Centro Cultural Banco do Brasil Rio de Janeiro segue em ritmo acelerado durante a segunda quinzena de março com uma programação robusta dedicada ao universo das histórias em quadrinhos. Inspirado na obra de Mauricio de Sousa e na tradição do quadrinismo brasileiro, o calendário reúne palestras, oficinas criativas e uma feira literária que ocupam todo o térreo da instituição, da área externa ao Espaço Conceito Banco do Brasil. A programação reflete o papel central que os quadrinhos ocupam na cultura brasileira, funcionando como

ferramenta de expressão artística, educação e entretenimento para públicos de todas as idades.

A exposição “Viva Mauricio – Mauricio de Sousa, a experiência imersiva” continua como ponto de partida para compreender os bastidores da mostra. As palestras programadas revelam detalhes de sua montagem, recursos de acessibilidade implementados e o processo criativo por trás de alguns dos personagens mais queridos do país. Nesta terça-feira (17), a discussão sobre acessibilidade em grandes eventos traz perspectivas reais de profissionais que trabalham na inclusão cultural. Jeffinho Farias, referência na comédia nacional e no universo PCD, compartilha sua experiência de 11 anos atuando e escrevendo no programa “A Praça é Nossa”, além de sua trajetória com o stand-up “Ponto de Vista”. Ana Motta, fundadora e CEO da All Dub Estúdio, empresa referência em acessibilidade cultural, discute operações de alta complexidade como Rock in Rio, Carnaval do Rio e CCXP. Leonardo Knittel, com extensa atuação em transformação digital e automação de processos em grandes empresas como TV Globo e Chevron, comple-

menta a conversa sobre inclusão e inovação.

Para a próxima geração de quadrinistas, as Oficinas Lab Maker no Espaço Conceito Banco do Brasil representam uma oportunidade única de criar seus primeiros gibis e personagens. As atividades, realizadas aos sábados e domingos até 29 de março, das 10h às 13h, com entrada gratuita, convidam crianças de 4 a 14 anos a mergulhar no universo dos quadrinhos através do desenho e da criação de diálogos. Uma equipe de mediadores habilitados adapta as ações a públicos de diferentes idades, oferecendo temas variados a cada final de semana. Os participantes podem experimentar desde laboratórios de mini-quadrinhos e ateliês de desenho livre até a criação de zines com técnicas de carimbo, com até 12 participantes por sessão.

André Dahmer, criador das séries de tirinhas “Malvados”, “Quadrinhos dos anos 10” e “Vida e obra de Terêncio Horto”, leva sua experiência para a palestra “Desenho Sem Medo” no dia 21 de março, às 15h, no Espaço Conceito Banco do Brasil. Vencedor de cinco prêmios HQmix e um troféu Jabuti, Dahmer publica tiras diárias nos jornais “O Globo”

e “Folha de São Paulo”. Em sua apresentação, o desenhista discute como o desenho, assim como a dança, é nato em cada ser humano, e como essa atividade prazerosa nos é retirada ainda no final da infância. Passeando por temas como História da Arte, História das Técnicas e Teoria da Percepção, Dahmer conversa sobre o que chama de “mito do fazer artístico”, desmistificando a ideia de que desenhar é privilégio de poucos.

No dia 22 de março, Marcelo Jackow, diretor de criação e proprietário da Caselúdico, um dos principais nomes da cenografia imersiva no Brasil, revela como a experiência “Viva Mauricio” saiu do papel. Jackow assinou projetos de destaque como as exposições “Castelo Rá-Tim-Bum – 20 anos” e “Tim Burton”, consolidando sua reputação como criador de ambientes que transcendem a simples exibição de obras.

O encerramento da programação acontece no dia 28 de março, quando gastronomia independente, MPB e quadrinhos se unem em uma celebração imperdível. A Junta Local retorna em mais uma edição que celebra comida boa, local e justa, fortalecendo conexões entre produtores e consumidores.

A feira, que ocorre das 12h às 19h na área externa do CCBB e no Espaço Conceito Banco do Brasil, reúne cerca de 30 quadrinistas independentes e pequenas editoras, ampliando o acesso a produções autorais e editoriais contemporâneas. O “Cada Um no Seu Quadrinho”, criado em 2023 e agora em sua terceira edição, consolida-se como um encontro pulsante que aproxima fãs, profissionais e entusiastas da nona arte, sempre celebrando e movimentando o universo dos quadrinhos.

Os debates do “Cada Um no Seu Quadrinho” trazem profissionais consolidados e emergentes do setor. Na primeira mesa, às 13h, Sidney Gusman, atuante desde 1990 e multivencedor do Troféu HQ Mix de melhor jornalista especializado em quadrinhos, participa de discussão sobre “Novos traços para velhos conhecidos” ao lado de Helô D’ângelo, ilustradora e quadrinista premiada, e Guilherme de Sousa, criador de “Xaveco: Vitória” e da premiada HQ “A Última Bailarina”. A segunda mesa, às 14h30, debate “Quadrinhos são educação” com Octavio Aragão, designer gráfico e professor no Programa de Pós-Graduação em Mídias Criativas da UFRJ, e Diego Marinho Luiz, professor de Arte concursado pelo estado do Rio de Janeiro e doutorando em Letras. A terceira mesa, às 16h, discute “Eu, banca! - os caminhos de distribuição de quadrinhos” com Alice Pereira, autora de “Pequenas Felicidades Trans” e “A Travessia”, e Heitor Pitombo, que por décadas escreveu sobre quadrinhos e foi um dos pais da Bienal Internacional de Quadrinhos do RJ.